

**O RELÓGIO DE OURO, DE MACHADO DE ASSIS:  
UMA PROPOSTA DE LEITURA LITERÁRIA NOS ANOS FINAIS DO ENSINO  
FUNDAMENTAL**

**THE GOLD CLOCK, BY MACHADO DE ASSIS:  
A PROPOSAL OF LITERARY READING IN THE FINAL YEARS OF  
ELEMENTARY SCHOOL**

**Emanuely Monteiro Celestino<sup>1</sup>  
Precília Achermann Vieira<sup>2</sup>  
Gisela Maria de Lima Braga Penha<sup>3</sup>**

**Resumo:** O presente trabalho propõe a leitura do conto *O relógio de ouro*, de Machado de Assis a alunos dos anos finais do ensino fundamental com objetivo de apontar caminhos diferenciados de trabalho com o texto literário. Para tanto, utilizamos, como aporte teórico fundamental, o livro *Aula* (2013), de Roland Barthes e sua concepção de forças libertárias: a *Mimesis*, a *Mathesis* e a *Semiosis*, respectivamente: a representação do real, os diferentes saberes e jogo de palavras estabelecido no/pelo texto literário. Para a abordagem e aprofundamento desse trabalho, foram utilizados, também: Barbosa (1996), Candido (2011), Cosson (2016), Soares (2007), dentre outros.

**Palavras-chaves:** literatura; forças da literatura; leitura literária; sala de aula.

**Abstract:** The present work proposes the reading of the story *The golden clock* by Machado de Assis to elementary school students with the main objective of pointing different ways of working with the literary text. For that, we use as a fundamental theoretical contribution the book *Aula* (2013), by Roland Barthes and its contribution of libertarian forces to *Mimesis*, *Mathesis* and *Semiosis*, the representation of the real, the different knowledge and word play established by the text literary. Barbosa (1996), Candido (2011), Cosson (2016), Soares (2007), among others, were used to approach and deepen this work.

**Keywords:** literature; force literature; literary Reading; classroom.

### **Introdução**

A literatura, dada sua importância no processo de formação dos alunos, é necessária nas escolas, visto que ela “[...] corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade” (CANDIDO, 2011, p. 186), contribuindo para a busca de respostas as interrogações a respeito de si mesmo, do outro e da realidade que o cerca. No entanto, atingir essa experiência não é um caminho fácil, precisa-se de um instrumento capaz de proporcionar essas modificações: o texto literário.

É justamente pelo fato de sabermos a importância da leitura literária e do letramento literário no ensino fundamental, que escolhemos para esta proposta trabalhar com o conto de Machado de Assis, intitulado *O relógio de ouro*, com o intuito de estimular e desenvolver concepções que o contato com uma obra literária pode provocar no leitor. Além disso, olhar para as consequências que esse contato proporciona por meio do letramento literário, conceito basilar, como aponta Rildo Cosson:

É justamente para ir além da simples leitura que o letramento literário é fundamental no processo educativo. Na escola, a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do hábito de leitura ou porque seja prazerosa, mas sim, e, sobretudo, porque nos fornece, como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito linguagem [...] (COSSON, 2016, p. 30).

Ao utilizarmos o conto *O relógio de ouro* na sala de aula procuramos proporcionar ao alunado a imersão no mundo da leitura literária, inseri-lo em um mundo de sensações e percepções e isso poderá contribuir para o desenvolvimento de sua independência crítica e assim, conseqüentemente, na construção de sua identidade. Para Dalvi, Rezende e Jover-Faleiros (2013) “ir do *ensino de literatura* para o de *leitura literária*, quando o objeto do ensino da literatura passar a ser a experiência da leitura e a reflexão, experiências e compreensão, essas podem ser mediadas no espaço da sala de aula.”.

Em suma, faz-se necessário desenvolver, por meio da leitura literária, a reflexão, discussão e sensibilização do tema retratado no conto e principalmente o gosto pela leitura de textos literários, visto que é papel do professor estimular a leitura literária na escola, além de, trabalhar temas pertinentes, os quais possam ocasionar a empatia do aluno-leitor, tarefa que muitas vezes torna-se desafiadora diante da realidade das escolas públicas, doravante essa prática não é impossível, se ocorrer um comprometimento maior para estimular ainda mais tal prática em nossa realidade escolar.

## **1 A Importância da Literatura**

É fato que a leitura literária possui um papel importantíssimo na formação do ser humano, pois, segundo Maia (2007, p. 17) “[...] a literatura é muito relevante no desenvolvimento emocional, intelectual, político e cultural da criança [...]”, pois proporciona ao leitor o poder, a criticidade, a humanidade.

Antônio Candido, em *O Direito à literatura* (2011, p. 175), enfatiza que a literatura é complexa por natureza, mas possui peculiaridades contraditórias que a tornam humanizadora, capaz de despertar no leitor o gosto e o prazer de ler.

A literatura pode proporcionar tanto para quem ler quanto para quem escreve a sensação de liberdade, de poder desvincular-se dos padrões da língua, justamente por ser arte e apresentar-se, conforme afirma Cosson (2016, p.16), “[...] plena de saberes sobre o homem e o mundo”.

Consoante afirma Barbosa (1996, p. 30), “literatura é arte literária e só é de fato literatura se tiver escrita dentro da finalidade dessa arte, com a intenção de ser arte, com as características e proposições dessa linguagem”. Nesse sentido, podemos dizer que nem tudo que é produzido, seja escrito ou oralmente, deve ser considerado literatura, uma vez que a literatura deve estimular o imaginário por meio sua arte, promovendo a satisfação do leitor.

Ao considerarmos o trabalho com a literatura no século passado, poucas eram as pessoas que tinham acesso às obras literárias e, ainda hoje, essa realidade não mudou muito. Ainda é perceptível que a leitura de obras literárias, na íntegra, ainda é privilégio de alguns. Esse artigo visa entre outras possibilidades apresentar uma leitura do conto Machado que possa diminuir a distância entre o texto e seu público fruidor.

De acordo com Paulino e Cosson (2009, p. 63), faz-se necessário trabalhar a leitura literária a fim de contribuir na formação pessoal do ser humano. Mas é importante salientar que o estudo de obras literárias possui relevância, não só na formação escolar dos leitores, mas também na formação do sujeito crítico, participante e atuante de uma comunidade.

[...] a ideia de que a leitura de obras literárias cumpre um papel importante no desenvolvimento do ser humano, quer no sentido estrito de favorecer o trato com a escrita, quer no mais amplo de educar os sentimentos e favorecer o entendimento das relações sociais, está na base dessas preocupações e iniciativas (PAULINO; COSSON, 2009, p. 63).

O trabalho com o texto literário na sala de aula permite ao professor proporcionar aos alunos experiências significativas de aprendizagem que só o texto literário é capaz de gerar, como a possibilidade de despertar sensações que ainda não foram conhecidas pelo leitor, assim o texto literário permite ao aluno-leitor identificar-se com sua realidade através da imaginação literária; atua na formação crítica do sujeito mostrando ao leitor as verdades que geralmente são camufladas pela sociedade vigente, segundo Cosson (2016, p. 17), “[...] a literatura nos diz o

que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. [...]”, pois será por meio da vivência que o indivíduo tornar-se-á um sujeito ativo e conseqüentemente transformador do meio em que vive.

O primeiro contato com a literatura, geralmente, ocorre na infância, antes mesmo do primeiro contato com a escola, através das cantigas de ninar, da leitura de textos literários como contos de fadas, por meio da escrita, ou das rodas de histórias contadas pelos pais ou avós, que raramente acontecem atualmente, passando de geração a geração por meio do discurso/oralidade. Nessa fase da vida, o contato com o texto literário acontece de maneira satisfatória, pois é realizado de forma prazerosa, despertando na criança o fascínio/encantamento, o gosto pela leitura literária.

Quando a criança chega à escola as leituras de obras literárias assumem outra finalidade, a de ensinar algo, de passar uma moral, de formar os cidadãos para a vida, ensinando por meio dos textos literários os bons costumes dentro de sua comunidade. Assim, essa linguagem apresenta, nessa fase, um caráter instrutivo na formação do ser humano. No entanto, sempre que vinculamos o texto literário a esse caráter instrutivo, de “boa moral”, deixamos de lado a riqueza de possibilidades que ele contém.

Como afirma Antônio Candido (2011, p. 176) “a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, [...]”. Sendo assim, o autor afirma que o acesso à literatura é um direito de todo ser humano e como todo direito deveria ser garantido por meio de leis específicas, pois trata-se de uma necessidade essencial ao desenvolvimento humano do homem. Além disso, é importante ressaltar que **o modo** (grifo nosso) como a literatura é oferecida nas escolas pode ser visto como determinante de sua aceitação ou não pelos alunos.

Portanto, é imprescindível fazer uma reflexão sobre o espaço que a literatura tem dentro do ambiente escolar e como ela deve voltar a ser vista como algo que contribui para a formação do aluno.

## **2 O Espaço da Literatura na Escola**

Ao iniciarmos as discussões sobre leitura literária no processo escolar, é importante salientar que o prestígio dos textos literários na sala de aula já ocorreu em algum momento do ensino. No entanto, essa importância foi perdendo espaço para a valorização da normatização da língua. Nesse momento temos uma reviravolta com novas discussões e estudos que

pretendem devolver à Literatura e, conseqüentemente ao texto literário, sua devida apreciação tanto no ambiente escolar, quanto em seu contexto sociocultural.

O ensino da literatura em nosso contexto educacional não tem recebido a devida importância e respeito como as demais disciplinas que compõem o currículo escolar. O resultado dessa falta de reconhecimento é um certo esquecimento do texto literário nas aulas de Língua Portuguesa, a situação com a qual nos deparamos; isso pode ser comprovado, por exemplo, com a fragmentação de textos literários presentes nos livros didáticos, os quais a maioria não apresenta a menor pretensão de estimular a leitura e compreensão do texto literário, o qual é visto por alguns autores de livro didático, apenas como um suporte para o ensino das normas gramaticais.

[...] o ensino da literatura cristalizou-se no uso supostamente didático do texto literário para ensinar uma gramática esterilizada da língua e o que interessasse ao currículo escolar. [...] As relações possíveis entre os textos foram perdidas pelo uso aleatório e excessivo de fragmentos ou nas seleções já organizadas pelos livros didáticos (PAIVA; MACIEL; COSSON, 2010, p. 57).

Diante do exposto, nos voltamos para o trabalho com o texto literário no ambiente escolar, temos um cenário com várias barreiras a serem ultrapassadas. Dentre elas, destacamos a forma como o texto literário vem sendo apresentado aos alunos e trabalhado metodologicamente na sala de aula.

É consenso entre estudiosos e especialistas da língua portuguesa que o ensino de literatura, no âmbito escolar, é de grande relevância para a construção do conhecimento dos alunos em todas as áreas do ensino, principalmente nos anos finais do ensino fundamental, visto que é um momento de transição pela qual os alunos estão saindo para o ensino médio. Nesta fase encontrarão um novo ambiente, novas formas de aprendizagem, novos professores e uma nova maneira de se estudar literatura, que nem sempre leva ao desenvolvimento do hábito de ler.

Nas Diretrizes propostas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), o texto literário deveria ser trabalhado na sala de aula pelo professor apenas como mais um gênero ou tipo textual a ser explorado. Assim, a literatura perderia a sua significância, por meio de abordagens inadequadas e empobrecedoras no que concerne à formação do leitor literário.

Ao estudar a Base Nacional Comum Curricular (2017) proposta pelo Ministério da Educação, percebemos que pouca coisa mudou em relação ao espaço da literatura no currículo

escolar. No entanto, ela apresenta o ensino de literatura na competência 9, orientando acerca da valorização da literatura como forma de acesso ao imaginário e potencializando a experiência humanizadora que a literatura proporciona.

Embora a BNCC estabeleça o ensino de literatura como parte integrante do currículo escolar, ainda cabe ao professor destinar o tempo necessário para o trabalho com textos literários na sala de aula. Dessa forma, é relevante considerar as problemáticas que permeiam esse processo, como: o número insuficiente de livros para que todos os alunos tenham acesso a mesma obra; a falta de formação continuada do professor; ou ainda de professor-leitor; de uma biblioteca e de bibliotecários qualificados.

É importante salientar algumas ações realizadas por programas do Governo Federal, no esforço de incentivar o trabalho com o texto literário nas escolas públicas, através da doação livros didáticos e paradidáticos por meio de programas como o Programa Nacional Livro Didático e o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), que se divide em três ações sendo elas: o PNBE literário, que é responsável por disponibilizar pequenos acervos de livros paradidáticos às bibliotecas das escolas públicas; o PNBE periódicos, que avalia e disponibiliza materiais de suporte pedagógico para os profissionais da Educação Infantil, do Ensino Fundamental e Médio e o PNBE professor, que proporciona aos profissionais da educação básica e da educação de jovens e adultos de todas as disciplinas curriculares, obras completas de subsídios teóricos metodológicos para o aprimoramento do trabalho desenvolvido em sala de aula.

Geralmente, no ensino da literatura na escola, temos a valorização dos autores brasileiros, atendo-se somente à história da literatura, deixando o texto literário de lado e um professor fixado somente nos fragmentos de textos pré-estabelecidos pelos livros didáticos ou pelo programa adotado pelas instituições.

A história da literatura centrada no nacionalismo literário é de longe perspectiva dominante no ensino de literatura, desdobrando-se em sequência temporal numa lista de autores e obras do cânone português e brasileiro e suas respectivas características formais e ideológicas (DALVI; RESENDE; JOVER-FALEIROS, 2013, p.101).

A maneira como se está ensinando “história literária” deixa de lado o principal objeto da literatura: o texto literário, este não deve ser lido por retalhos, muito menos como pressuposto para ensinar normas, mas sim num todo e trabalhado de maneira eficaz dentro da sala de aula. Não se pode negar também o direito do aluno de ter contato com os textos

considerados cânones da nossa literatura, pois é direito deles e nós, professores, não devemos fazer um pré-julgamento sobre a capacidade de compreensão de tais textos. Cabe ao professor desenvolver estratégias para despertar o prazer na leitura dos clássicos, ou ainda nas palavras de Rildo Cosson:

Caso o professor resolva fugir a esse programa restrito e ensinar leitura literária, ele tende a recusar os textos canônicos por considerá-los pouco atraentes, seja pelo hermetismo do vocabulário e da sintaxe, seja pela temática antiga que pouco interessa aos alunos de hoje. A essa percepção agregam-se as discussões sobre o cânone, que, deslocadas do jogo de forças da academia, são resignadas na escola como mera inculcação ideológica e, por isso mesmo, implicam o abandono da leitura de obras antes consideradas fundamentais (COSSON, 2016, p. 22).

Dessa maneira, a escola deve retomar a inclusão do texto canônico na sala de aula. Trabalhar a leitura literária é proporcionar a apresentação e apreciação de obras clássicas, e isso visa desenvolver o interesse dos alunos por tais, muitas vezes considerados difíceis de compreender por alguns professores.

Dentre os inúmeros problemas que dificultam o processo de ensino aprendizagem dos alunos, especialmente quando se refere à questão da leitura literária podemos citar os apontados feitos por Maia:

[...] alguns motivos que dificultam a vivência de uma prática de leitura eficiente na sala de aula, como escolas que funcionam sem bibliotecas com acervos de livros paradidáticos; e professores com formação teórico-metodológico insatisfatória (MAIA, 2007, p. 16).

Desse modo, podemos citar ainda, o alto índice de dificuldades dos alunos que concluem a primeira e a segunda etapa do ensino fundamental II com muita deficiência de leitura e escrita. Para Faraco e Geraldi (1984 *apud* MAIA 2007) “é comum, ainda apontar culpados, não sendo raras as queixas de professores de que ‘os alunos não sabem ler’ ou ‘ não sabem interpretar um texto’ e de alunos que dizem ser ‘muito chato responder fichas de leitura e fazer resumos’”.

Ainda hoje, o currículo escolar do ensino fundamental das escolas públicas não estabelece um quantitativo de horas específicas para o trabalho com os textos literários, ficando muitas vezes a critério do professor organizar as horas/aulas da disciplina de Língua Portuguesa e incluir o ensino de literatura.

Segundo Moura (1994, *apud* MAIA 2007, p. 35), “ao protagonizar a história de uma infância sem livros de literatura para crianças e jovens, de uma vivência escolar em que apenas o livro didático foi objeto concreto de leitura, o professor pode repetir o mesmo enredo com seus alunos”. Diante do exposto, questionamos: como estimular o hábito de leitura? Como despertar o gosto, o prazer pela leitura literária, sendo que na maioria das vezes o próprio professor não gosta de ler? Estes têm sido, sem dúvida, alguns fatores que fazem com que a leitura literária não seja trabalhada de forma adequada na sala de aula.

É preciso compreender que a leitura literária precede o processo de escolarização e acompanha o ser humano no decorrer de toda sua vida. Embora a literatura não seja a realidade, mas possui uma dimensão imaginária, que dialoga diretamente com a realidade do leitor, através da possível identificação do leitor com situações vividas pelos personagens das obras.

Dentre os inúmeros motivos que contribuem para o declínio da literatura no ambiente escolar, podemos citar a utilização dos textos literários apenas como subsídios/suporte para o ensino da gramática, ou até mesmo, para avaliações de leitura, prática muito utilizada por alguns professores de língua portuguesa. Dessa forma, o aluno não consegue perceber o encantamento, a riqueza de conteúdo, de conhecimento que existe no texto literário, passando muitas vezes a dizer que o ensino de literatura não produz sentido para a sua vida.

Com o estímulo à leitura literária dentro da escola, teremos a preferência à leitura de textos completos, não dos fragmentos encontrados no material didático, conforme Dalvi; Resende; Jover-Faleiros (2013, p. 105) afirma que ao manusear o texto em seu todo, o leitor poderá identificar e explorar todas as possibilidades de saberes os quais ele oferece. Isso poderá retirar o aluno daquela rotina exaustiva que geralmente permeia o ensino da literatura: aulas entediantes, sem sentido, desnecessárias, nas quais não chegam nem perto do objetivo real da literatura.

O estudo de uma obra literária como o conto intitulado *O relógio de ouro*, do escritor Machado de Assis, poderá levar os alunos a perceberem a atemporalidade de temas universais, o desenrolar dos fatos, os quais nos prendem ao texto e geram sensações como: curiosidade, indignação, ansiedade, revolta entre outras, que o texto literário é capaz de proporcionar. E isso envolve e transforma a visão do leitor, segundo Dalvi; Resende; Jover-Faleiros (2013, p. 108), quando lemos uma obra literária ela geralmente promoverá uma identificação pessoal.

[...] a leitura literária é essencial não apenas para a formação do leitor, mas para a formação do ser humano que é a razão maior de toda educação – é sobre essa formação, e em última instância que se trata a tradição do ensino da literatura. Na sala de aula, a literatura precisa de espaço para ser texto, que deve ser lido em si mesmo, própria constituição (PAIVA; MACIEL; COSSON, 2010, p. 67).

Dessa maneira, o trabalho com o texto literário e o fazer literário terão mais significado ao alunado, visto que cabe à escola incentivar o pensamento crítico de seu público-alvo, dar espaço para a literatura cumprir seu papel na sala de aula é um dever da escola, incentivar a leitura de textos clássicos e não fragmentados é outro patamar a ser vencido pelos professores de Língua Portuguesa. Sabemos que a leitura literária provoca o leitor, o transforma, o faz pensar e a escola é a principal agência onde isso deve ocorrer, pois nela o aluno passa a maior parte de seu tempo. A leitura literária deve ser incentivada neste ambiente, para assim termos alunos que se deleitem ao prazer que é ler literatura, prazer que surgirá quando o professor oferecer as ferramentas adequadas para a fruição do texto.

### **3 A Leitura Literária na Perspectiva Barthesiana**

Um dos grandes escritores franceses e renomado crítico de literatura, Roland Barthes, nos apresenta, através de seu livro *Aula*, a sua perspectiva para efetivar a leitura do texto literário. Neste livro ele nos mostra e define as forças da literatura, utilizando termos gregos, e as denomina como: *Mathesis, Mimesis e Semiosis*.

Ao iniciar suas considerações, Barthes (2013, p. 15) primeiramente conceitua o que é literatura. Nos mostra a sua visão de literatura como uma trapaça com a língua, visto que em nossa sociedade ter domínio da língua é similar a ter o acesso ao poder. No entanto, a literatura tira esse poder da língua, ela brinca, se esquivava do poder e nos permite conhecer outra maneira de ver a linguagem.

Dessa maneira, apresentamos sua concepção de literatura:

Entendo por *literatura* não um corpo ou uma sequência de obras, nem mesmo um setor de comércio ou de ensino, mas o grafo complexo das pegadas de uma prática: a prática de escrever. Nela visio portanto, essencialmente, o texto, isto é, o tecido dos significantes que constitui a obra, porque o texto é o próprio aflorar da língua, e porque é no interior da língua que a língua deve ser combatida, desviada: não pela mensagem de que ela é o instrumento, mas pelo jogo das palavras de que ela é o teatro (BARTHES, 2013, p. 15).

A literatura não está presente num conjunto de obras ou tão pouco em um modelo de ensino, vai muito além do que está imposto pela sociedade. A essência da literatura está na maneira como é utilizada a língua, não como instrumento de mera comunicação, mas sim no

jogo de palavras que envolve a busca de um objetivo e as forças presentes na literatura são o caminho para libertar o homem do poder da língua.

A primeira força apresentada pelo autor é a *Mathesis*, é ela que possibilita a aquisição de diversos saberes. O texto literário está repleto de diversos saberes. Temos, dessa maneira, a possibilidade de aprender com os muitos saberes que a literatura proporciona. Um exemplo é o famoso romance de Daniel Defoe, *Robinson Crusóé*. Nele, segundo Barthes (2013, p. 16) podemos encontrar saberes: históricos, geográficos, sociais, botânicos, antropológicos e até filosóficos.

Barthes (2013, p. 16) sugere que, “[...] todas as nossas disciplinas deveriam ser expulsas do ensino, exceto numa, é a disciplina literária que deveria ser salva, pois todas as ciências estão presentes num monumento literário.”. Seu pensamento, um tanto exagerado, ao sugerir a exclusão das demais disciplinas, nos faz refletir sobre o poder que o texto literário exerce. Vale refletir acerca do poder de instrução que podemos encontrar na obra, e que se opõe drasticamente à concepção de que o texto literário somente serve para uma distração.

Barthes (2013, p. 20) chama de *Mimesis* a segunda força da literatura. Ela estabelece a representação do real. Entretanto o autor afirma que, o real não pode ser representável, pode ser somente demonstrável, e, é nessa tentativa do homem proporcionar essa representação da realidade que se constrói a história da literatura. O texto literário pode nos lembrar situações reais, no entanto é somente um produto do desejo do homem em demonstrar o real através dele.

Barthes (2013, p. 21), afirma que há tempos persiste a indagação entre os estudos literários, que a literatura representa algo, o fato é que, sim, ela tenta representar o real, nessa vontade de demonstrá-lo percebemos o surgimento do texto literário. Com isso, enfatiza que a literatura não deve ser comparada ao real, no entanto, é essa persistência em representar o real, que a mesma passa do real para o irreal, pois revela o desejo ao impossível, o de representar o irrepresentável, revelando o que ele intitulou de função utópica.

A terceira e última força da literatura ele chamou de *Semiosis*. É jogo com as palavras, os signos, utilizado para a compreensão das duas primeiras forças apresentadas. É por meio da *Semiosis* que o leitor do texto literário conseguirá entender tanto a representação da realidade, quanto os diversos saberes que nele existem.

É nesse jogo estabelecido entre os signos que esta terceira força se situa. Nela o trabalho com a linguagem se modifica, e transforma o poder arbitrário do uso da linguagem, modificando o real e transformando saberes.

Pode-se dizer que a terceira força da literatura, sua força propriamente semiótica, consiste em jogar com seus signos em vez de destruí-los, em colocá-los em maquinaria de linguagem cujos breques e travas de segurança arrebentaram, em suma, em instituir no próprio da linguagem servil uma verdadeira heteronímia das coisas (BARTHES, 2013, p.28-29).

Com esta última força, o Barthes (2013, p.33-34) revela o poder do texto literário, uma vez que ele defende a concepção do poder do signo, pois contém a força necessária para fugir do literal, mesmo sendo impulsionado para ele, o texto literário tem a capacidade de ir para outro lugar, sem classificação. É esse olhar de desordem que a literatura aliada à semiologia quer provocar.

Trabalhar o texto literário nessa perspectiva é ir além das perguntas prontas e que são, na maioria das vezes, superficiais e não permitem um estudo aprofundado do texto literário, o que retira do aluno o contato com um universo cheio de saberes sensações e percepções.

O que impede esse contato com o texto literário nem sempre é o aluno que não demonstra interesse, mas sim a falta de espaço que a literatura não possui junto ao currículo escolar e frequentemente a falta de oportunidade do docente ter uma formação continuada voltada para o trabalho com o texto literário na sala de aula.

As forças da literatura, apresentadas por Barthes, nos ajudam a compreender a riqueza que um estudo eficaz da literatura pode proporcionar aos nossos alunos. O professor deve ser o mediador e estimulador desse processo de descobertas.

De acordo com Garcia:

Mediar a leitura é estar no meio de uma atividade essencial à escola, à vida, sem tomar nas mãos as rédeas do processo, como se fosse o professor o único a saber o caminho; é estar presente mesmo que sutilmente ausente; é saber que o ato de ler é condicionado por condições e características psicológicas, sociais, econômicas e intelectuais de cada indivíduo e, nesse sentido, cada leitura faz parte de um todo maior. (GARCIA 1992, p. 37 apud MAIA, 2007, p. 19)

Conhecer a perspectiva das forças da literatura na visão barthesiana pode oferecer a compreensão de que sempre a leitura do texto literário irá proporcionar mudanças em seu leitor. Essas transformações ocorrem motivadas pela *Mimeses*, *Mathesis* e *Semiosis*. Dessa forma, os alunos poderão descobrir um caminho de novos saberes, representações da realidade e a maneira como as palavras foram utilizadas no desvelar do texto.

#### **4 Por que Trabalhar com Conto na Sala de Aula?**

Muito se discute sobre a importância da literatura no ambiente escolar. No que concerne a esse tema, muitas dúvidas surgem, como: que gênero narrativo trabalhar na sala de aula? Ou, como despertar o interesse do aluno pelos textos literários? Para tentar resolver esses questionamentos, estudos e trabalhos são desenvolvidos voltados para ajudar o professor de língua portuguesa a desenvolver um trabalho produtivo com o texto literário no contexto educacional.

Propiciar ao aluno o contato com o mundo literário é de suma importância, visto que através desse contato ele poderá, como já dissemos, se envolver pelo prazer de ler literatura, e isso acarretará novas vivências de sensações e compreensão do mundo ao seu redor. Dessa maneira, a dúvida pertinente do professor de Língua Portuguesa está em que gênero literário trabalhar com os alunos no contexto educacional.

A realidade de nossas escolas públicas, em relação ao espaço que o texto literário ocupa na sala de aula, não é muito animadora. O professor, para fugir dessa realidade, pode e deve adotar a perspectiva da leitura literária e assim proporcionar o contato do aluno com o texto literário em sua totalidade. O conto é uma ótima escolha quando o professor tiver que trabalhar o gênero narrativo.

Como afirma Soares (2007, p. 54) a respeito desse gênero literário:

É a designação da forma narrativa de menor extensão e se diferencia do romance e da novela não só pelo tamanho, mas por características estruturais próprias. Ao invés de representar o desenvolvimento ou o corte na vida das personagens, visando a abarcar a totalidade, o conto aparece como uma amostragem, como um flagrante ou instantâneo, pelo que vemos registrado literariamente um episódio singular e representativo (SOARES, 2007, p. 54).

Ao propor o trabalho com o conto em sala de aula o professor poderá proporcionar ao alunado, um contato eficaz com um gênero narrativo que tem a capacidade de prender e envolver o leitor em um texto curto.

Quanto mais concentrado, mais se caracteriza como arte de sugestão, resultante de rigoroso trabalho de seleção e de harmonização dos elementos selecionados e de ênfase no essencial. Embora possuindo os mesmos componentes do romance [...] o conto elimina as análises minuciosas, complicações no enredo e delimita fortemente o tempo e o espaço (SOARES, 2007, p. 54).

Apesar de o conto ser conhecido por sua síntese, é riquíssimo em detalhes. Ele reúne, em seu teor, elementos que prendem e envolvem o leitor, visto que não interfere nos elementos necessários para a apreciação de uma boa leitura literária.

Desenvolver a leitura literária na sala de aula utilizando o gênero conto torna-se uma circunstância viável para o contexto atual de ensino que é oferecido ao estudante. Além dos fatores já mencionados, o tempo destinado às aulas do currículo educacional, também contribui para a escolha do gênero. As aulas geralmente possuem duração entre 40 min e 60 min, o que deixa praticamente inviável a utilização de um gênero mais longo como o romance. Assim, o professor não correrá o risco de desestimular o aluno, que na maioria das vezes não é um leitor assíduo.

Podemos dizer, portanto, que o trabalho com os contos na sala de aula são de extrema relevância. O professor, por meio de leitura e releituras de contos, poderá encorajar o aluno a apropriar-se da linguagem literária, cujo conhecimento, segundo Barbosa (1996) não é progressivo ou por acumulação, visto que será no estudo da linguagem pela linguagem do texto literário, que a compreensão, o entendimento e o encantamento do leitor pela obra ocorrerá.

## **5 Proposta de Trabalho**

A escolha do gênero conto partiu da ideia de mostrar que a escola deve proporcionar a leitura completa de um texto literário, visto que é somente com o contato com o texto completo que se pode refletir, compreender, interpretar os ensinamentos presentes no mesmo.

Com o intuito de proporcionar reflexão, compreensão e apreciação do texto literário em discussão, a sequência elaborada foi dividida em 4 momentos.

### **1º Momento - Motivação**

O professor colocará uma caixa de presente, enfeitada com um laço, com o intuito de despertar o interesse e a curiosidade dos alunos. Em seguida, ele fará as seguintes indagações:

- a) O que será que tem neste presente?
- b) Para que será esse presente?
- c) Se você encontrasse essa caixa de presente endereçada a outra pessoa, você abriria este presente?

Após a discussão inicial, o professor conversará com a turma sobre as questões feitas no início da aula e dirá que, assim como eles estavam estão tentando desvendar esse enigma, no texto a ser lido há um personagem que também se interessa por mistérios e charadas e, de

preferência, as mais difíceis. O professor ainda indagará: “Será que nosso personagem irá conseguir desvendar a charada?” Vamos ao texto para descobrir?

## **2º Momento – Leitura do texto.**

A leitura do texto ficará a critério da turma. Ela poderá ser participativa. Todos os alunos acompanharão o texto, e cada um lerá um trecho em voz alta. Mas se a turma preferir, a leitura poderá ser individual e silenciosa, cumprindo um prazo estipulado pelo professor. A sugestão é que o professor inicie a leitura. Outra estratégia sugerida é que seja entregue somente uma parte do texto, deixando o desfecho da história para o último momento da leitura. Dessa maneira, os questionamentos feitos aos alunos despertarão a curiosidade para ler o desfecho do conto, para assim comprovarem suas impressões feitas durante a discussão.

Ao término da leitura, o professor iniciará uma conversa acerca da leitura realizada com os alunos. Dentro da conversa ele apresentará os seguintes questionamentos:

- a) Qual a impressão que tiveram do texto?
- b) Vocês gostaram da leitura?
- c) Vocês acharam difícil de entender o texto?
- d) O que mais acharam interessante no texto?

Vale ressaltar que os passos seguidos nesses questionamentos estão de acordo com as três forças da literatura, por meio das quais orientamos esta proposta.

## **3º Momento - Estudo do texto Literário**

Nessa fase da aula, o professor mediador iniciará as reflexões sobre o texto literário lido. Elaboramos algumas sugestões que podem ser seguidas:

- a) O texto inicia descrevendo um personagem, quem é ele?
- b) O que o narrador nos conta sobre ele?
- c) Ao ler o texto, vocês perceberam como a personagem Luís Negreiros trata a esposa? Em qual parte da história podemos observar isso?
- d) Qual o enigma/charada intriga a personagem principal do conto?
- e) Além de Luiz Negreiros, existe uma personagem feminina. Quem é ela?
- f) Como o narrador a descreve? Onde podemos confirmar no texto?
- g) A personagem de Luiz Negreiros acredita que desvendou o mistério, em qual trecho podemos observar isso?

h) O que Luiz Negreiros e o narrador nos fazem entender sobre o desfecho do enigma?

i) Em qual passagem do texto o narrador nos faz acreditar que a personagem Clarinha é culpada?

j) Em qual passagem do texto o narrador nos faz entender que a personagem Clarinha não é culpada?

k) Em que momento do conto percebemos que a personagem de Luiz Negreiros, não é um homem tão digno e honrado?

l) O nome de Luiz Negreiros nos lembra algo? Será que isso tem relação com o desfecho do enigma?

m) Em que momentos do conto percebemos que a personagem Clarinha, está comportando-se estranhamente?

Após essas reflexões, o professor perguntará que o desfecho que eles conseguem imaginar para o conto. Anotará no quadro branco as principais ideias e fará a votação com eles para escolherem apenas uma opção. Feito isso, voltará a atenção da turma para a caixa de presente deixada em cima da mesa. Ele irá questioná-los sobre o que há na caixa.

Ao ouvir as respostas e anotá-las em um caderno, o professor afirmará que dentro da caixa está a resposta para a charada/enigma que a personagem Luiz Negreiros passou o conto inteiro tentando desvendar: A quem pertencia o relógio de ouro? Outro questionamento certamente surgirá durante a discussão do conto: a personagem Clarinha traiu ou não seu esposo?

O professor mediador abrirá a caixa de presente e tirará a parte final do texto. Ela trará a resposta para o enigma e para as reflexões feitas ao longo da discussão do conto. Essa estratégia servirá para mostrar aos alunos que as reflexões feitas no decorrer da leitura somente poderão ser confirmadas se pudermos comprová-las no texto literário.

#### **4º Momento – Fechamento de ideias**

Encerrando as etapas de desenvolvimento da leitura, sugerimos a realização de uma entrevista pelos alunos com algumas mulheres. Eles contariam a história do conto e questionariam se elas teriam a mesma reação da personagem Clarinha. Omitindo o nome da entrevistada, cada um leria para a turma a sua resposta e em seguida conversariam sobre o seu teor.

Sugere-se ainda a realização de um levantamento por meio de consulta a sítios eletrônicos com o objetivo de conhecer as relações nos casamentos de antigamente, comparando os comportamentos de então com os atuais. Essa pesquisa poderá ser realizada no laboratório de informática da escola, se a mesma tiver acesso à internet. Outra possibilidade é com autorização dos pais, levar os alunos a um cyber café ou *Lan house*, para realizarem a pesquisa. Ou ainda a utilização dos *Smartphones* para executarem a pesquisa.

Assim, por meio dessa estratégia de leitura que respeita a sequência de ações do conto, o professor perceberá que através do trabalho consciente com a linguagem (*Semiosis*), é possível mostrar a riqueza de saberes contidas no conto (*Mathesis*) e, nesse sentido, demonstrar para os alunos a imensa capacidade que o texto literário tem de nos representar (*Mimesis*).

### **Considerações Finais**

Dentre as muitas responsabilidades impostas ao professor de Língua Portuguesa do ensino fundamental, entende-se o trabalho com o texto literário como um dos que mais exigem boa vontade do professor regente, pois, como cita Candido (2011), a literatura não deve ser negada a ninguém. Dessa maneira, a escola, como importante agência da educação formal, tem obrigação de oferecer ao aluno subsídios para esse contato com a literatura.

É fato que o ensino da literatura em nossas instituições públicas, ainda está distante do idealizado pelos pesquisadores que estudam o tema. Paiva, Maciel e Cosson (2010) ressaltam que estamos deixando de lado o principal objeto da literatura, o texto. É nele que vive a literatura e “mutilá-lo” em fragmentos, formando um aparato de textos sem sentidos, é prejudicial quanto a formação do leitor, visto que a literatura se faz com o texto completo.

A prática da leitura literária na sala de aula contribuirá para a mudança na receptividade dos alunos às propostas de ensino nas aulas de literatura no ensino fundamental. Segundo Dalvi, Resende e Jover-Faleiros (2013) aulas enfadonhas, entediantes e sem objetivos, com a transformação de visão e a difusão da leitura literária, tendem se tornar mais atrativas para o aluno. Cabe ao professor desenvolver e aplicar atividades motivacionais com o objetivo de promover o interesse do aluno, colaborando na construção de sentido ao ler o texto literário.

Ao transpor este trabalho para a sala de aula, o professor poderá conquistar o aluno para o universo da leitura literária, fazê-lo compreender e aprender com as diversas possibilidades de saberes que um texto literário contém. Ele deve desenvolver maneiras de levar o leitor a explorar todas as possibilidades contidas no texto literário. Neste trabalho, sugerimos

a abordagem com o conto *O relógio de ouro*, de Machado de Assis. No entanto, essas sugestões de exploração do texto em sala podem ser aplicadas a qualquer aula de literatura, tendo por objetivo potencializar a leitura literária com as forças da literatura.

Esperamos, assim, despertar nos alunos o prazer de ler o texto e explorá-lo, o que pode contribuir para o seu desenvolvimento crítico, visto que através da leitura do conto mediada pelo professor, o leitor certamente estabelecerá uma relação com o contexto de mundo que conhece. Cabe ao professor ter a delicadeza em trabalhar essas questões.

O trabalho com o texto literário no ambiente escolar requer dos profissionais de Língua Portuguesa a disponibilidade de tempo para a leitura e apropriação do texto a ser apresentado aos alunos. É essa preparação que se dá de forma cuidadosa e planejada que levará o aluno a compreensão e entendimento do texto lido.

Em suma, o trabalho aqui apresentado nos aponta uma direção a seguir. A teoria barthesiana é uma alternativa para o professor que pretende explorar as possibilidades do texto literário junto aos alunos na sala de aula. Por meio dessa teoria, o professor poderá mostrar aos alunos os diversos saberes que podemos encontrar no texto literário e através de exploração e discussão do texto lido levar a uma gama de percepções e aprendizado que o texto literário pode propiciar ao aluno-leitor, como por exemplo uma nova forma de ler o mundo.

## Referências

ASSIS, Machado de. O relógio de ouro. In: ASSIS, Machado de. *Histórias da meia noite*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

BARBOSA, João Alexandre. *A biblioteca imaginária*. São Paulo. Ateliê Editorial, 1996.

BARTHES, Roland. *Aula*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2013.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_20dez\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_20dez_site.pdf) Acesso em 20/01/2018

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais. PCN(s). Língua Portuguesa. Ensino Fundamental. Terceiro e quarto ciclos*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CANDIDO, Antônio. O Direito à Literatura. In: \_\_\_\_\_. *Vários escritos*. 3.ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades, 2011.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2016.

DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita. *Leitura de literatura na escola*. São Paulo. Parábola, 2013.

MAIA, Joseane. *Literatura na formação de leitores e professores*. São Paulo: Paulinas, 2007.

PAIVA, Aparecida; MACIEL, Francisca; COSSON, Rildo. *Literatura: ensino fundamental*. Brasília, 2010. (Coleção explorando o ensino, Vol. 20)

PAULINO, Graça; COSSON, Rildo. *Letramento Literário: para viver a literatura dentro e fora da escola*. In: ZILBERMAN, Regina; ROSING, Tania M. K. (Org.). *Escola e leitura: velha crise, novas alternativas*. São Paulo: Global, 2009.

Programa Nacional Biblioteca da escola, disponível em: <http://portal.mec.gov.br/programa-nacional-biblioteca-da-escola>. Acesso em 30/01/2018

Programa Nacional do Livro Didático, disponível em: <http://portal.mec.gov.br/pnld/apresentacao>, acesso em: 30/01/2018.

SOARES, Angélica. *Gêneros literários*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2007. (Série princípios)

*Recebido em 31 de maio de 2018.  
Aprovado em 30 de maio de 2018.*